

SEMPRE SAUDOSAMENTE

Uma atracção irresistível pelas coisas belas veio-lhe de muito novo, e o espírito do coleccionismo surgiu-lhe cedo, bem cedo, quando ainda era *Menino da Luz*. Despachado oficial para uma unidade da província, em breve iniciou os seus estudos sobre Artes, envolvendo, simultâneamente, as maiores e as menores, e não descurando, um momento sequer, a sua preparação militar, numa época gloriosa, deve frisar-se, para a arma de Cavalaria, *la belle époque* dos concursistas hípicas.

O meio em que residia prestava-se à maravilha. Uma vila antiga e monumental, coalhada de templos, capelas, conventos, um palácio e um castelo, cruzeiros e solares onde era vulgar haver serviços da Companhia das Índias... a servir e, onde, nos caixões e arcazes, havia damascos ricos e colchas da Índia em profusão.

Os tempos eram outros, tão diferentes dos de hoje, e nas casas remediadas abundavam móveis de boa traça e de madeiras exóticas, e proliferavam faianças nacionais. Até nas casas pobres se fazia gala de ter uma linda cantareira e rutilantes estanheiras. Nesses tempos ditosos a coberta de chita e o prato estampilhado eram coisas de somenos, senão desprezíveis.

E assim meu Pai começou a admirar a arquitectura dos monumentos, as talhas do interior dos templos, as bem lavradas esculturas dos altares, as belas pinturas das capelas, os azulejos monocromos e policromos das sacristias e dos claustros. Ao mesmo tempo começou a olhar com melhores olhos para as peças de mobiliário, tapeçarias, porcelanas orientais e faianças nacionais, pratas, ferros forjados, estanhos e cobres, pois de tudo a região abundava.

Admito plenamente que os tempos eram mais propícios para ver e aprender. Liam-se com prazer e proveito as obras de Joaquim de Vasconcelos, José de Figueiredo, com certa soberbia, pontificava então como crítico de arte e museologista e José de Queirós já começara a discretear sobre faianças portuguesas. Antiquários sabedores percorriam a província e carregavam o que podiam, e era muito, para Lisboa, para alimento do seu ventre insaciável. Se se encontravam tapetes persas em capelas modestas e Aubussons nos lagares servindo de panais para azeitona! Não era raro ter-se a visita, aliás

bastante assídua, do antiquário e *connoisseur* Alfredo Guimarães, que o espírito irónico da época alcunhava de Alfredo Bric-de Guimarães à-Brac...

Ia começar verdadeiramente a debater-se a Questão dos Painéis e nela, também, apaixonadamente, meu Pai tomou parte muitos anos depois.

Dentro em pouco surgia, e prestava serviços inestimáveis à cultura do país, a *Terra Portuguesa*, com José e Sebastião Pessanha, Virgílio Correia e outros.

Mas já há muito o apaixonava a Arqueologia e um número infindo de vezes percorria o agro alentejano, atento sempre ao menor achamento e pronto para a mais pequena possibilidade de excavação, quando se lhe antolhava o menor indício prometedor.

Mestre José Leite, calcurreando o país de lês a lês, entusiasmava os novos. Se tinha um fim em vista, quase de obsessão, o de organizar e povoar um museu, o maior sonho da sua vida, não deixava de, com a sua presença, que se diria ubíqua, dar lições magistrais nas suas constantes passagens. Continuava transmitindo a mensagem de Martins Sarmento.

E assim meu Pai, recuando no tempo, embrenhou-se com grande entusiasmo na Pré e Proto-História. Lia muito e lia com devoção o que os tratadistas franceses lançavam nos prelos para conhecimento geral do geral dos homens cultos.

Chegou então à Numismática, que constituiria a sua maior paixão espiritual. O número de achados numismáticos era grande, mesmo comparando com o de achados propriamente arqueológicos e logo daí lhe adveio um interesse vivo pelas moedas.

Adquirido o Aragão das Portuguesas e o Aragão das Romanas, e a isso modestamente se resumia a bibliografia da especialidade do coleccionador de então, a que se agregava, por vezes, o Lopes Fernandes, o entusiasmo redobrou. E foi tal e tão contagiante, que muitos amigos estavam dentro em pouco a coleccionar e a estudar, e levou o próprio pai a coleccionar também!

Às Portuguesas e às Romanas consulares e imperiais seguiram-se outras séries. Bizantinas, Venezianas, cujo tipo religioso a Senhora copiou de Bizâncio, Autónomas da Península, o que o obrigou a profundas locubrações sobre a escrita ibérica e o enigma dos sons fonéticos dos seus signos, Árabes, que o levaram a aprender árabe e a cartear-se apertadamente com David Lopes, Suevo-Lusitanas, de imitação imperial e de tipo nacional, misteriosas ainda e de estudo ingrato e desencorajante e, por fim, as Visigodas.

E nas Visigodas parou. Nelas encontrou um interesse que o enfeitçou. E desse feitiço nasceu ainda um maior, e tão grande já ele era, amor pelo estudo. Embrenhou-se na história dos bárbaros, antes ainda da sua vinda

para a Península, e durante o seu longo período de fixação nesta terra que pisamos, consultou manuscritos, leu tudo, assim se pode dizer, que se escreveu, desde que se escreve sobre Numismatografia, sobre o povo visigodo e sobre os outros povos germânicos e não germânicos invasores. Entrando em contacto com estrangeiros, espanhóis, na sua maioria, e com o eng. Wilhelm Reinhart, estudioso profundo das gentes germânicas antigas, refinou no seu entusiasmo.

Mas foram os próprios trientes visigodos que melhor informaram os seus estudos laboriosos. De facto, a moeda é um documento primacial, um dos melhores documentos para um estudo sério. É um documento perdurável e extraordinariamente elucidativo. Com a moeda se ajuda a fazer História, e a Numismática, hoje ciência genuína, no ponto em que já culmina, alforriou-se da Arqueologia Geral e é, sem sombra de dúvida, uma das mais preciosas ciências auxiliares da História.

Procurava os exemplares e, à falta dos originais, a fotografia ou o decalque, se não almejava um gesso. E, se nada disto conseguia, contentava-se com uma carta dum ourives ambulante ou com a local dos jornais, muito mais confusa ainda.

Os seus estudos ampliaram-se com o andar dos tempos, e as pré-leovigildianas e as post-leovigildianas eram observadas com a mesma curiosidade e ansiedade. A sua bibliografia desta especialidade atraente ia crescendo vultuosamente, ia a dizer assustadoramente.

Ao lado destes volumes e opúsculos, dedicados à gens germânica, emparceiravam, manuseados e consultados permanentemente, outros volumes e outros opúsculos, catálogos, listas e revistas de Numismática Geral, da Portuguesa, da Romana, da Ibérica, da... que enfileiravam nas estantes ou se amontoavam nas mesas, várias mesas, onde havia balanças, plasticinas de muitas cores, gessos, pinças, lentes, balancês para decalques, papéis, esperando que o seu dono os consultasse como os consultava, com interesse, com amor, com tanta devoção.

Ao escrever estas linhas, que são para mim uma dolorosa romagem de saudade, de profunda saudade, desvio a vista e estou vendo o Babelon, o Cohen, o Sabatier, o Heïss e tantos outros, tristes, sentindo-se há uns tempos desamparados na sua orfandade.

No entanto, parece que a meu lado sinto o espírito gentil de meu querido Pai, que me envolve e aos seus livros, todos, eles e eu, velhos camaradas, com o mesmo olhar sempre ternamente acariciador.

Castelo Branco — Agosto de 1959.

L. P. G.

